

Pedagogia do Oprimido

Comentários sobre o livro

O autor não se preocupa em que as pessoas aprendam coisas úteis que levem ao seu progresso. Parece querer apenas criar revoltados, despreparados que devem se sentir explorados, mas sem as habilidades para progredir. Até porque, na visão dele, progredir seria adotar a vida dos opressores e se tornar um. Medo que ele claramente explicita logo no primeiro capítulo.

Sem distinguir a educação de adultos da infantil, credita aos professores, acusando-os de má-fé ou de ingenuidade, uma educação que tem por objetivo manter as pessoas (chamadas de oprimidos) na conformidade desejada pelos opressores.

A visão que ele mostra ter do mundo corresponde ao estilo de vida dos camponeses da primeira metade do século passado, ou anterior. Um mundo de coronéis que hoje só existe em regiões remotas do país e que pode ter sido a realidade dele no Chile, onde trabalhava na época em que escreveu.

Coerente com as intenções revolucionárias, fala em camponeses e massas populares. E, claro, não faltam comentários críticos à elite dominadora, aos opressores, etc. e referências positivas ao Mao, Lênin, Fidel Castro, Marx e Comandante Guevara, que são citados para endossar suas posições confusas.

Embora, no texto, ele seja muito cioso em dizer que se chega na verdade apenas pelo diálogo, apresenta suas verdades como se fossem inquestionáveis. Um exemplo é quando comenta os mitos impostos pelo que chama de classe dominante.

A escrita é rebuscada, com muitas citações em francês e espanhol para, ironicamente, parecer erudito. Pode ser modismo da época, pois foi escrito em 1968. Em alguns trechos parecia que o texto era fruto de uma má tradução.

Impressiona sua dificuldade em se explicar usando os recursos de nosso rico idioma. Apoia-se - quase todo o tempo - em palavras inventadas, frases com construções estranhas e repetições de palavras em uma mesma oração. Estou seguro que, se fosse uma redação de vestibular, o texto seria reprovado por ser prolixo, confuso e repleto de palavras inexistentes.

O autor usa e abusa de termos como: problematizadora, intencionalidade, gnosiológica, cognoscente, mediatizador, dialogicidade edicotomiza. Todas essas palavras aparecem em uma mesma página (39 de 107). Sem contar com pérolas como o “contrário antagônico” (p. 74).

Outras palavras bonitas usadas pelo autor são: estatisticado, absolutiza, historicidade, inconclusão, bergosiano, fixismo, profetismo, existires, palavrearia, tridimensionalizar, implícitados, situacionalidade, quefazeres, necrofilamente, reitificar. Isso mostra que o português, como conhecemos, não é suficiente para explicitar as ideias dele.

É difícil entender como ele foi, em algum momento, chamado de patrono da educação. Aos que não concordam, lanço o desafio. Leiam a Pedagogia do Oprimido e se divirtam.

Fonte

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra. 17ª edição. 1994. Rio de Janeiro. RJ. Versão eletrônica disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em abril/2019.

Dórian – Maio/19